

"UMA FERROZ E BONITA PARÁBOLA"

THE NEW YORK TIMES



PRÉMIO UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES

DEUS BRANCO

um filme de **KORNÉL MUNDRUCZÓ**

FEHÉR ISTEN



SINOPSE CURTA

Um conto premonitório sobre as relações entre uma espécie superior e o seu inferior caído em desgraça. Banido e traído, “o melhor amigo do homem” revolta-se contra o seu antigo mestre.

SINOPSE LONGA

Um conto premonitório sobre as relações entre uma espécie superior e o seu inferior caído em desgraça. Uma medida aparentemente inofensiva com vista a disciplinar a criação de cães acaba por dar origem a uma série de acontecimentos extraordinários. Favorecendo os cães com pedigree, as novas regras impõem multas às raças mistas. Os donos começam a abandonar os seus rafeiros e os canis ficam rapidamente sobrelotados.

Lili, de 13 anos, procura desesperadamente proteger o seu cão Hagen. A nova lei parece-lhe cruel e sem sentido. Lili também não consegue aceitar os argumentos do pai, e sente-se devastada quando ele deixa Hagen na rua. Inconsolável, Lili detesta o pai por a fazer trair o seu amigo de quatro patas; ainda acreditando, inocentemente, que o amor pode conquistar todas as dificuldades, decide encontrar o cão e salvá-lo.

Hagen também procura desesperadamente regressar a casa e a Lili. Lutando pela sobrevivência, Hagen depressa compreende que nem toda a gente é a melhor amiga do cão. Percorrendo as ruas, o antigo animal de estimação dá por si numa série de situações perigosas. Tem de fugir aos apanhadores do canil; é explorado por um pedinte manhoso, e torna-se prisioneiro de um treinador de cães de combate. De volta às ruas, Hagen junta-se a uma matilha de cães perdidos...



NOTAS DE INTENÇÕES

“Não é segredo para ninguém que, na sequência dos filmes que fiz até agora, me estou a virar para experiências no filme de género. DEUS BRANCO é a primeira destas experiências, inspirada maioritariamente pelas absurdas e cada vez mais rancorosas relações sociais atuais. Do meu ponto de vista, em paralelo com as vantagens duvidosas da globalização, está a definir-se com cada vez mais precisão um sistema de castas: a superioridade tornou-se verdadeiramente o privilégio da civilização branca ocidental, e é-nos quase impossível não nos aproveitarmos dela. Sim, escrevi “é-nos”. Afinal de contas, somos membros destas massas privilegiadas. Por isso, quis criar um filme que permitisse um olhar sobre as paixões que reinam do outro lado, criticando a nossa detestável auto-confiança cheia de mentiras e verdades esquinadas, que pretende domesticar as minorias ao mesmo tempo que na verdade apenas as quer destruir, que nega hipocritamente a desigualdade, que não acredita na paz ou na coabitação pacífica.

No entanto, escolhi como sujeitos os animais em vez das minorias. Fi-lo porque queria concentrar-me livremente neste tema sensível; tão livremente quanto possível, com o mínimo de tabus. Por isso, conto uma história de animais, uma espécie expropriada que foi em tempos o melhor amigo do homem. Mas o homem traíu-os e, assim, eles revoltam-se contra os seus antigos mestres e companheiros para validarem a sua existência.

O filme pode ser descrito pela associação das palavras aventura, vingança, rebelião e heroísmo. Pretendo fundir neste filme o topoi dos filmes de vingança e as qualidades alegóricas das histórias com animais de modo dinâmico, emocionante e inegavelmente emocional.

Não existem dúvidas que, quando confrontado com a traição e a amizade, o público tem de escolher lados. Gostaria que Lili, a menina de treze anos, fosse o nosso espelho. Através das suas ações, seremos confrontados com os mecanismos da confabulação. A sua entrada na idade adulta será o exemplo alarmante daquilo que esperamos que os nossos filhos nunca venham a ser. Mas porque Lili é uma menina corajosa de coração puro, no fim será suficientemente corajosa para não se conformar. Ela tem a coragem de se rebelar e de dizer não, de depor as armas mesmo à possível custa da sua vida. O meu objetivo é que torçamos por Hagen e por Lili ao mesmo tempo. Por Hagen, para que ele não se deixe ficar e lute; por Lili, para que ela compreenda que a revolta de Hagen é justa. Por este meio, também nós podemos ser purificados e regressar a casa compreendendo que a decisão está nas nossas mãos: cabe-nos a nós escolher não nos tornarmos em adultos falsos e enganadores.

Este filme entrelaça o melodrama com as características dos filmes de aventura e vingança. A minha intenção era demonstrar que a humanidade e os animais partilham o mesmo universo. Só se formos capazes de nos colocar no lugar de outras espécies seremos capazes de depor as nossas armas.”

ENTREVISTA COM KORNÉL MUNDRO CZÓ

Quem é o “Deus Branco”? O que significa o título do filme?

Quis colocar o filme numa perspectiva onde possamos perceber que o cão é o símbolo do pária eterno cujo senhor é o seu deus. Sempre tive muito interesse nas características de Deus. Será Deus realmente branco? Ou cada um de nós tem o seu próprio deus? O Homem Branco provou vezes sem conta que só é capaz de governar e colonizar. As palavras do título contêm em si muitas contradições, e foi por isso que o achei tão fascinante.

Este filme é bastante diferente dos anteriores. Pode explicar-nos qual foi o seu incentivo?

Ao fim de dez anos de trabalho, senti que um período tinha definitivamente chegado ao fim. TENDER SON foi na verdade a fase final desse capítulo. Cresci, de algum modo, e cheguei ao fim de um período de cinema adolescente. Senti-me mais interessado em ideias que exigiam formas diferentes. Em resultado de um grande declínio cultural, desejava abertamente falar a um público mais alargado, e isso pedia uma outra forma. Ao longo do nosso trabalho, enfrentei várias perguntas em aberto, e fui capaz de lhes responder sem me repetir, o que me deixou muito contente. Mas claro que, do princípio ao fim, este também é um filme de Kornél Mundroczó.

O estado político atual da Hungria era um contexto importante para este filme?

O filme é muito mais uma crítica de uma Hungria passada e futura onde um pequeno estrato social governa as massas. Isto também está a tornar-se cada vez mais verdadeiro na Europa. Um núcleo da elite reserva o seu direito ao poder e os políticos são vedetas em quem votamos como se estivessem num “reality-show” político. Tratam-se de tendências muito perigosas. Se não tivermos cuidado, as massas erguer-se-ão mais tarde ou mais cedo.

Como queria representar Budapeste?

Senti que tinha de evitar o topoi pós-soviético, de uma Europa de Leste melancólica, que caracterizou os nossos filmes ao longo das últimas décadas. A Europa de Leste existe por entre enorme caos, mutabilidade e instabilidade; pensar a longo prazo é impossível. Fui à procura de espaços e imagens que representassem isso. Tentei criar uma nova Budapeste, que expressasse uma relação contemporânea com a história da cidade.

O que o levou à ideia de usar cães para representar os párias eternos? De onde veio a inspiração para a história?

Na arte é sempre muito difícil encontrar meios novos de descrever verdades intemporais. Descobrir a literatura de J. M. Coetzee foi uma experiência reveladora. Os seus livros chamaram-me a atenção para o fato de haver sempre ainda uma outra camada por baixo dos maiores párias, uma outra espécie de seres inteligentes e racionais que os humanos podem explorar como bem entenderem: os animais. Foi aí que comecei a perguntar-me se seria possível rodar um filme com um cão. Era uma tarefa tão intimidante como inspiradora. Por outro lado, já há algum tempo que eu queria fazer um filme que tivesse uma menina como personagem principal. No filme, uma menina à beira da adolescência tem de perder a sua inocência do mesmo modo que os cães a perdem. É uma história de espelhos, onde um lado não pode existir sem o outro.

Como foi trabalhar com os cães, e o que lhes aconteceu depois da rodagem?

Foi uma experiência terapêutica. Foi como entrar em contato com a própria Mãe Natureza, ou até com um pouco do Universo: era o cômputo geral. O Infinito. Foi um processo de rodagem onde tivemos de ser nós a ajustar-nos a eles e não ao contrário. O filme é um exemplo notável da cooperação singular possível entre duas espécies. Foi também uma experiência muito enriquecedora, porque todos os cães que surgem no filme vieram de canis, e depois do fim da rodagem foram todos adotados e encontraram novos lares.

O filme é composto de elementos provenientes de géneros muito diferentes. Até que ponto foi uma decisão consciente juntar estereótipos do melodrama, da aventura e do filme de vingança?

Não foi tanto juntá-los como interpretá-los de um novo modo. Parece-me que, no nosso mundo europeu de leste em desintegração, estes géneros também estão presentes na sociedade. Algumas pessoas parecem viver uma telenovela e outras filmes policiais. E esses géneros alternam na vida real tal como mudamos de canal no televisor de casa. Alinhar géneros para falar de uma ideia maior que todos parecia ser um rumo entusiasmante. Seria realmente possível injetar ideias reais no interior de estereótipos? Há momentos em que essas camadas se aproximam tanto umas das outras que acabam por se interpenetrar. Mas tudo isto apenas pode ser unido por uma ideia central. E nunca pode cair na paródia.

SOBRE O REALIZADOR

Kornél Mundruczó nasceu em 1975 na Hungria. O seu primeiro filme, PLEASANT DAYS, recebeu o Leopardo de Prata no Festival de Locarno em 2002. A sua segunda longa-metragem, JOHANNA – uma adaptação em modo de ópera cinematográfica da história de Joana d’Arc – foi apresentado no Festival de Cannes, na secção Un Certain Regard em 2005. DELTA fez parte da Competição do Festival de Cannes em 2008 e recebeu o prémio FIPRESCI. Em 2010, TENDER SON – THE FRANKENSTEIN PROJECT foi também apresentado em Competição no Festival de Cannes.

REVISTA DE IMPRENSA

CRÍTICA DE CANNES: DEUS BRANCO

Guy Lodge – Variety

A sexta e melhor longa-metragem de Kornél Mundruczó é uma aventura “homem-vs.-cão” emocionalmente excitante e tecnicamente magistral.

As palavras “soltem os cães” ganham um novo e vibrante significado em DEUS BRANCO, uma atualização emocionantemente estranha da fórmula dos filmes de Lassie, onde a viagem incrível de um rafeiro perdido em direção ao santuário evolui para uma revolução homem-contra-animais em larga escala. É a sexta longa-metragem do estilista húngaro Kornél Mundruczó, e a sua melhor até agora; DEUS BRANCO parece começar por ser significativamente diferente do seu trabalho anterior, com uma narrativa de aventuras atraentemente ingénua, até ao momento em que as proporções míticas da história, a par da sua violência visceral, se revelam. (...)

Nunca verdadeiramente explicado ao longo do filme, o título DEUS BRANCO pode ser uma referência a Samuel Fuller, cuja alegoria de 1982 sobre as relações entre as raças, “White Dog” (“Cão Branco”), assume uma visão igualmente conflituosa da relação entre o homem e o seu suposto melhor amigo. Todas as personagens humanas no filme de Mundruczó são ou ameaças ou obstáculos ao nosso anti-herói canino, Hagen – um rafeiro robusto, castanho, com uma cauda particularmente empertigada – à exceção de coração puro da sua dona de 13 anos, Lili (a fantástica estreada Zsófia Psóttá). A impressionante cena de abertura pré-genérico vê Lili a percorrer de bicicleta as ruas desertas de Budapeste, com um exército em movimento de cães de rua no seu encalce – ela parece-se com um Flautista de Hamelin alternativa, com um trompete metido na mochila. Aparentemente um sonho, a cena assume implicações completamente diferentes mais tarde no filme: a ordem futura das coisas pode depender dos cães estarem a segui-la ou a persegui-la.

Como parábola das indignidades que os superiores humanos causam aos animais, o filme declara as suas intenções à cabeça: a primeira imagem depois do genérico é de uma carcaça de bovino a ser esfolada e estripada num matadouro, com as entranhas a caírem no chão como roupa lavada. O supervisor do processo é o pai de Lili, Dániel (Sándor Zsóter), um divorciado reservado de meia idade que se vê surpreendido quando a ex-mulher lhe deixa a filha, acompanhada pelo fiel Hagen, a seu cargo durante o verão. O seu apartamento de solteiro não está pensado para acolher o cão, cuja presença leva uma vizinha coscuvilheira a chamar as autoridades. O estado acaba de impor uma multa pesada sobre as raças impuras e, pouco disposto a pagá-la, Daniel abandona Hagen numa auto-estrada, perante a compreensível aflição de Lili. DEUS BRANCO não é apenas uma história de hierarquia inter-espécies; propõe igualmente uma metáfora simples mas elegante de opressão racial e de classes, à medida que as massas párias, postas de lado em favor da elite, se juntam para declarar a sua força coletiva. Deslocando o seu ponto de vista para a perspetiva de Hagen, o filme mostra o cão a aliar-se com os muitos outros rafeiros descartados que percorrem as ruas, alimentando-se de restos e evitando os apanhadores municipais encarregues de recolher os cães perdidos. Na sequência de uma série de tentativas de fuga, Hagen acaba por ser apanhado pelo dono de um restaurante turco que tenta treiná-lo como cão de combate – encorajando os seus instintos de ataque com um regime brutal de treino, a sequência mais difícil de ver para os amantes de animais desde AMOR CÃO.

Essa violência é virada, com amarga ironia, contra os seus perpetradores à medida que uma série de artifícios leva os cães reunidos no canil a juntar forças e revoltar-se contra o homem no que apenas pode ser descrito como um putsch canino. O progresso gradual de Hagen em direção ao motim decorre em paralelo com a mais convencional rebelião adolescente de Lili, que reage precipitadamente ao tratamento injusto dos mais velhos, mas não encontra muitos aliados na sua dissensão. O seu estatuto de lobo solitário não é acidental. À medida que o golpe canino ganha embalo – durante uma série de sequências tensas e extraordinariamente encenadas que recordam o horror sinistro dos PÁSSARO de Hitchcock, amplificado pela esplêndida partitura orquestral de Asher Goldschmidt – a jovem trompetista pode ser a única pessoa capaz de acalmar os animais selvagens.



Esta descida inesperada para o Grand Guignol faz recordar o filme anterior de Mundruczó, TENDER SON: THE FRANKENSTEIN PROJECT, uma variação humanizada sobre o romance de Mary Shelley que também abordava a insurgência dos supostamente intocáveis. É um desenvolvimento exagerado que pode confundir os espetadores embalados pelo realismo introdutório do filme. O seu desvio arriscado em direção do poeticamente aberrante poderia não funcionar, mas o talento de contador de histórias de Mundruczó é vibrante e emocionalmente rico – para não falar de moralmente desafiador, pois tanto o homem como o cão mostram ter, no universo do filme, psicologias falhadas e vingativas.

Kornél Mundruczó subiu de nível na sua última estreia em Cannes. (...) DEUS BRANCO é uma ambígua sátira das relações de poder no geral: as classes mais baixas acabarão por se erguer. O filme tem um tom e uma garra que me pareciam faltar nos filmes anteriores de Mundruczó.

The Guardian

Alguns momentos incríveis de cinema – com menção especial para os treinadores dos cães!

Le Monde

O comportamento imprevisível dos seus atores de quatro patas obrigou este herdeiro dos grandes estetas húngaros a dinamizar a sua realização: o seu cinema, de um formalismo por vezes pesado, ganhou assim um novo fôlego.

Télérama

Hungria/Alemanha/Suécia | 2014 | Cor1 119 min
Distribuído por Alambique | Informações em www.alambique.pt